

RESENHA DO LIVRO: “Periperi: planta de junco que tem história”

Pablo Jacinto

Centro Universitário Jorge Amado

pablojacintopsi@gmail.com

O livro “Periperi: Planta de Junco que tem História”, escrito por Ana Claudia Siqueira e Marcos Venícios Marcelino, e publicado pela EDUNEB, em 2012, é uma obra de caráter inédito para a temática (descrição histórica, cultural e social do bairro Periperi), já que – apesar da expansão do acesso universitário no Brasil, o que levou muitos jovens de baixa renda aos meios acadêmicos – há poucas pessoas fazendo pesquisas de grande visibilidade com fins de registro e publicação ampla sobre o subúrbio ferroviário de Salvador. A leitura leva a crer que os autores possuem algum vínculo com o bairro alvo da obra, quer seja como moradores, ou como frequentadores; enfim, alguma aproximação que tornou oportuno o desejo de fazer este registro e tornar público o seu conteúdo.

A obra possui forte inclinação jornalística, muitas vezes, deixando fora de evidência a barreira existente entre os construtos da formatação da notícia/reportagem e da formatação dos textos de registro histórico. A intenção é descrever o bairro de Periperi seguindo o seu perfil histórico-cultural, levando em conta as suas evoluções e involuções transcorridas até o momento presente. Para tanto, os autores recorrem ao registro jornalístico e publicações oficiais (do estado e do município) coletando, desta forma, dados sobre a infraestrutura, economia e política local. Entretanto, o viés de pesquisa priorizado foi a elaboração oral, o que significa que durante o processo de estudo precedente à organização do livro, as lembranças dos habitantes (muito ou pouco antigos) do bairro possuem importância ímpar. Também são importantes, na obra, as opiniões dos atuais moradores, que – ao longo dos escritos – fornecem depoimentos nos quais se posicionam acerca da situação política, cultural, infraestrutural, dentre outras, do bairro, comparando os momentos históricos decorridos desde a sua fundação.

Para introduzir a descrição de Periperi, os autores se valem da etimologia deste nome, o que remonta aos dialetos indígenas, que chamavam de “Peri” um tipo de planta

que era bastante comum no local, o suficiente para batizá-lo. O ponto seguinte de abordagem é o histórico do bairro. No capítulo, é explicado como em meados do século XX, uma fazenda começou a agregar conjuntos habitacionais, por estratégia dos seus proprietários, o que foi crescendo e ganhando grandes proporções.

A categoria dos trabalhadores ferroviários foi relevante neste processo, pois um grupo de funcionários da Leste (antiga empresa ferroviária brasileira) se interessou pelo clima local, e lá se instalou massivamente. Hoje, a linha ferroviária de Periperi não é mais a principal forma de transporte para os seus habitantes, por haver outras alternativas mais difundidas e convenientes, já que Salvador se expandiu a ponto de ter seu centro econômico alterado, o que faz com que a linha férrea (que se estende de Paripe até o bairro da Calçada) não seja mais suficiente para satisfazer as necessidades de locomoção da maior parte dos moradores do subúrbio, em geral. Entretanto, o livro destaca que a estação ferroviária de Periperi serve não só para fins de transporte, mas também contempla atividades culturais, a exemplo do Forró do Trem, que agita parte da comunidade, no período junino.

As praças do bairro também são apresentadas em “Periperi: Planta de Junco que tem História”, o qual, além do histórico de fundação, se preocupa em expor os eventos culturais que são sediados nestes espaços. As principais praças são a da Revolução e a do Sol. A primeira exhibe grande extensão física, apropriada para eventos de grande porte, além de possuir um *playground* para agradar o público infantil. Os depoimentos dos moradores registram certo saudosismo em relação às características antigas da praça da Revolução, que possuía menos bares e mais espaços verdes (o que contrasta com a atual predominância do concreto). A praça do Sol foi uma conquista dos habitantes de Periperi, pois para o terreno onde ela se localiza, foram cogitadas diversas construções, inclusive um conjunto habitacional; entretanto, a opinião pública prevaleceu e o espaço de convivência foi preservado.

Para retratar os aspectos infraestruturais do bairro, os autores se valem da descrição de dois pontos considerados importantes, historicamente falando, embora sejam críticos, urbanisticamente: a rua da Glória e o rio Paraguari. A rua da Glória, é uma importante via, por ser um dos acessos do interior do bairro com a avenida Afrânio Peixoto (a popular Suburbana). É uma das ruas mais antigas do bairro, e, é um marco do melhoramento dos aspectos físicos da reunião, pois era um ponto comumente alagável, o

que causava transtorno aos seus moradores, que cobraram dos políticos e conseguiram solucionar a situação. O “culpado” pelos alagamentos era o rio Paraguari, que não resistiu à expansão urbana, e, por ser constantemente alvo de poluição, transbordava e causava transtornos nas épocas chuvosas. Hoje o rio ainda está poluído, mas foi canalizado e não é mais responsável pelos alagamentos em seus arredores.

Em termos culturais, a obra seleciona dois eventos que mobilizam Periperi anualmente já de forma tradicional: o Perifolia e a Caminhada Gay. O primeiro é um carnaval fora de época, com direito a trios elétricos e concentração na praça da Revolução. É um evento aguardado por grande parte da comunidade, e agrada aos comerciantes locais, embora seja alvo de protesto dos moradores que não gostam do pagode – ritmo que embala o festejo. Os depoimentos dos moradores também apontam descontentamento, devido à violência no período do evento, e à sujeira deixada pelos participantes. Já a Caminhada Gay de Periperi segue os moldes da luta pelo respeito à diversidade, e hoje possui apoio de diversos órgãos públicos e empresas privadas. É uma junção de cultura e luta política, que foi bem aceita pela comunidade e promete continuar acontecendo.

As informações que o livro apresenta são, provavelmente, pouco ou nada conhecidas pelos próprios habitantes do bairro descrito, e menos ainda pelo restante da população soteropolitana. Isto apesar de grande parte das obras e acontecimentos que envolvem Periperi possuírem relevância que extrapola seus limites, inclusive ultrapassando a região do subúrbio ferroviário (principalmente em tempos onde a mídia é mais atuante e o acesso à informação ser facilitado e incentivado).

Por outro lado, quem é habitante de Periperi, ou possui alguma relação de proximidade afetiva com o bairro, corre o risco de sentir falta da exploração, no livro, de algum aspecto (seja momento histórico, alguma obra infraestrutural ou privada, um evento tradicional...). por exemplo, o leitor pode se incomodar com o fato de que a feira livre de Periperi – talvez a maior e mais importante do subúrbio ferroviário da capital baiana – recebeu dos autores pouco destaque, quando considera a sua relevância enquanto forte espaço comercial, que interfere no cotidiano de todos os habitantes do bairro, mas que foi apenas citada de forma pontual e não lhe foi dedicado um capítulo particular; ou que há pouca referência à associação dos moradores de Periperi, que provavelmente é influente nas tomadas de decisão que afetam a comunidade local, mas que também não

teve o privilégio de maiores aprofundamentos na obra.

Por fim, este livro é reflexo de uma necessidade, vista por muitos, de se retomar a história do subúrbio ferroviário de Salvador, considerando esta região como importante polo de cultura, ação social e espaço de convivência. Isso vai em contrapartida à representação social claramente vigente dentre os soteropolitanos de que o subúrbio é uma zona inacessível, por ser unicamente espaço de negatividades (violência, tráfico). Nota-se que “Periperi: Planta de Junco que tem História” traz à tona um conteúdo histórico livre de direcionamentos capciosos, por considerar as diversas facetas do bairro retratado, não se fixando unicamente nos aspectos aviltantes, nem nos aspectos exaltantes. Assim, qualquer leitor interessado em conhecer um pouco mais a fundo sobre esta parte de Salvador, vai conhecer seus diversos pontos a partir da perspectiva local, a qual os autores propõem e não deixam a desejar.

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Ana Claudia; MARCELINO, Marcos Venícios. **Periperi: Planta de Junco que tem História**. Salvador: EDUNEB, 2012.